

*A luta pela
igualdade: desejos,
homossexualidade
e a esquerda na
América Latina*



A LUTA PELA IGUALDADE: DESEJOS, HOMOSSEXUALIDADE E A ESQUERDA NA AMÉRICA LATINA

RESUMO

A esquerda latino-americana demorou em compreender e responder ao surgimento dos movimentos gay e lésbico. A esquerda ficou presa a valores religiosos antigos e a uma ideologia conservadora, que se desenvolveu depois da Revolução Russa de 1917, que caracterizou a homossexualidade como um produto do comportamento burguês decadente. Os processos revolucionários da América Latina, como em Cuba e Nicarágua, e as organizações marxistas em geral, marginalizaram os gays e as lésbicas. Na última década, ativistas fundaram grupos gays e lésbicos em todos os países do continente. Em alguns países, como o Brasil, tornaram-se movimentos sociais expressivos. O desafio da esquerda é de impulsionar as ações deste movimento e lutar pelos direitos plenos dos gays, lésbicas e transgêneros.

PALAVRAS-CHAVE

Movimentos sociais, Esquerda, Brasil; Movimento homossexual; Homossexualidade

James N. Green¹

A LUTA PELA IGUALDADE: DESEJOS, HOMOSSEXUALIDADE E A ESQUERDA NA AMÉRICA LATINA

No final dos anos de 1970, no Brasil, quando a oposição ao regime militar estava se fortalecendo, uma organização de esquerda testava os limites da liberalização política reivindicando a formação de um partido político dos trabalhadores com bases socialistas.² Em encontro nacional para aprovar o programa do partido, um participante sugeriu que os direitos homossexuais fossem incluídos na lista das reivindicações democráticas, no manifesto da nova organização. Um nascente movimento feminista, bem como os grupos de consciência negra, puseram os assuntos de sexismo e racismo em pauta e a esquerda brasileira titubeava em responder à discriminação social que não se baseava apenas em questões de classe. A presidência da assembléia, rapidamente, concordou com a sugestão mas, no programa final, lia-se apenas: *Nós somos contra a discriminação das mulheres, negros, índios, etc.*

Ocorreram mudanças drásticas na América Latina, nas duas últimas décadas. Os movimentos políticos dos gays, lésbicas e transgêneros emergiram em todos os países do continente. Um movimento social que, na época, inspirava-se no massivo movimento dos gays e lésbicas nos Estados Unidos, empreendeu debates políticos nacionais sobre sexualidade, discriminação e os significados da plena participação democrática de todos os setores no processo político. Alguns ativistas de esquerda ainda

¹ James N. Green, que é também o editor deste *Cadernos AEL*, é brasileiro, professor, estudioso dos movimentos sociais na América Latina e se dedicou ao estudo da história da homossexualidade no Brasil, onde viveu durante as décadas de 1970 e 1980. (Nota da Assessoria Editorial.) <James_Green@brown.edu>

² Esta organização foi a Convergência Socialista que, em 1994, integrou o Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado (PSTU).

afirmavam que a homossexualidade é produto do comportamento decadente da burguesia, que desapareceria com o socialismo. Mas agora as suas posições estão postas em cheque. A conjuntura mudou e importantes líderes de partidos políticos de esquerda — como o Partido dos Trabalhadores (PT), no Brasil — estão dirigindo batalhas parlamentares para impor sanções legais contra a discriminação baseada na orientação sexual e para estender benefícios de serviço social e de proteção legal para parcerias domésticas entre pessoas do mesmo sexo.

Tais mudanças não aconteceram de forma fácil, ou rápida. Mesmo em cenários sociais revolucionários, como em Cuba e Nicarágua, a auto-afirmação e organização entre os gays, lésbicas e outros transgressores sexuais, foram compulsoriamente suprimidos antes de alcançar qualquer grau de aceitação. A profunda homofobia e heterossexismo da sociedade cubana, então mobilizada pela revolução, permitiu posturas e práticas que, só muito lentamente, foram eliminadas, à medida que as minorias sexuais reivindicavam visibilidade. Representações artísticas da cultura gay, incluindo o bastante aclamado filme cubano *Fresa y Chocolate*, e a pressão internacional para impedir as práticas opressivas, estão entre as forças que abriram espaços culturais e políticos nos últimos anos. Na Nicarágua, o governo sandinista não foi tão abertamente homofóbico, ainda que nós saibamos dos esforços para silenciar os gays e lésbicas, que se organizavam em meados de 1980.³ Somente na década de 90 do século XX, uma comunidade foi abertamente formada e um movimento foi iniciado. Até hoje, uma repressiva “lei de sodomia” permanece e, embora pouco aplicada, foi usada recentemente contra uma lésbica da classe operária que foi presa e, uma vez solta, assassinada por seu ex-marido. Na Nicarágua neoliberal, o filme *Boys Don’t Cry* foi exibido em cinemas dos shopping centers recém-construídos, desafiando o público urbano a ampliar direitos individuais para membros transgressores da sociedade. Existe também o primeiro curso em estudos de sexualidade, ministrado na Universidade Centro-Americana.

³ RANDALL, M. To change our own reality and the world: a conversation with lesbians in Nicaragua. In: DRUCKER, P. (Org.). *Different rainbows: same-sex sexuality and popular struggle in the third world*. London: Gay Men’s Press, 2000, p. 91-109.

Por toda a América Latina, os movimentos feministas forçaram a esquerda a repensar assuntos de gênero e levantaram questões como estupro, violência doméstica e discriminações de gênero. Do mesmo modo, as organizações latino-americanas de lésbicas, gays e transgêneros, embora ainda pequenas em número e modestas em peso político, conduziam para uma discussão política sobre o individual e o político. O assunto de discriminação contra homossexuais na América Latina não está mais relegado ao “etc.” e é debatido na mídia internacional entre ativistas da Cidade do México a Buenos Aires e de Manágua a Havana.

A rebelião de Stonewall, ocorrida em 1969, na cidade de Nova Iorque, iniciou um amplo movimento político nos Estados Unidos que, eventualmente, fortaleceu e positivou os estudos sobre gays e lésbicas. Nas faculdades e universidades americanas, professores passaram a oferecer cursos com temática gay e, no final dos anos de 1980, estudantes e acadêmicos iniciaram um processo de organização de programas ou centros, em instituições espalhadas pelo país. Nos anos de 1990, estudos *queer* emergiram nos departamentos de literatura e se ampliaram para outras disciplinas. Hoje, ao vasculhar as prateleiras de uma livraria nos Estados Unidos, vão-se encontrar centenas de livros que tratam de diversas questões relativas ao erotismo entre pessoas do mesmo sexo, nas mais variadas temáticas. Na América Latina, pesquisas sobre a homossexualidade nas áreas de estudos literários, antropologia, sociologia e história são ainda recentes. No entanto, no decorrer da última década, os acadêmicos latino-americanos, europeus e norte-americanos passaram a examinar os sistemas de gênero e suas relações com as várias expressões do homoerotismo na América Latina.⁴

⁴ Entre os trabalhos sobre a homossexualidade na América Latina, em língua inglesa, não citados em outra parte deste ensaio ou na bibliografia anotada neste número do *Cadernos AEL*, podemos começar com o estudo pioneiro de TAYLOR, JR., C. L. *El ambiente: male homosexual life in Mexico City*. 1978. Tese. (Doutorado em História)-University of California, Berkeley. Joseph Carrier, outro pesquisador, dedicou duas décadas de estudos à homossexualidade no México e representa um dos melhores acadêmicos da primeira geração a publicar obras sobre América Latina, em inglês. Ver CARRIER, J. *De los otros: intimacy and homosexuality among mexican men*. New York: Columbia University Press, 1995. Trabalhos acadêmicos da nova geração de pesquisadores incluem: FOSTER, D. W. *Gay and lesbian*

UMA BREVE HISTÓRIA DA HOMOFOBIA

Anseios ou restrições sociais ao desejo e homoerotismo não são recentes ou particularmente limitados à América Latina. O *Levítico* 18:22 e 20:13 ofereceu as linhas mestras para as proibições bíblicas contra o que hoje chamamos de homossexualidade. O apóstolo Paulo expressa esta tradição no *Novo Testamento*, reafirmando prescrições judias e adicionando as noções de pecado às atividades sexuais entre pessoas do mesmo sexo.⁵ Embora o historiador John Boswell argumente que até o século XII a Igreja tinha uma postura contraditória e, por vezes, negligente perante as atividades sexuais entre pessoas do mesmo sexo, nos séculos posteriores, setores da Igreja, especialmente a Santa Inquisição, incluíram a sodomia entre as transgressões que deviam ser punidas com a morte em fogueiras públicas.⁶ Como parte da conquista da América, a Igreja Católica

themes in Latin American writing. Austin: University of Texas Press, 1991; LANCASTER, R. *Life is hard: machismo, danger, and the intimacy of power in Nicaragua.* Berkeley: University of California Press, 1992; PRIEUR, A. *Mema's house, Mexico City: on transvestites, queens, and machos.* Chicago: University of Chicago Press, 1998; QUIROGA, J. *Tropics of desire: interventions from queer Latino America.* New York: New York University Press, 2000; BEJEL, E. *Gay cuban nation.* Chicago: University of Chicago Press, 2001. Antologias sobre a homossexualidade masculina e feminina incluem: FOSTER, D. W. *Latin American writers on gay and lesbian themes: a bio critical sourcebook.* Westport: Greenwood Press, 1994; BERGMANN, E. L.; SMITH, P. J. (Org.). *Entiendes: queer readings, hispanic writings.* Durham: Duke University Press, 1995; MURRAY, S. O. (Org.). *Latin American male homosexualities.* Albuquerque: University of New Mexico Press, 1995; BALDERSON, D.; GUY, D. (Org.). *Sex and sexuality in Latin America.* New York: New York University Press, 1997; MOLLOY, S.; IRWIN, R. M. (Org.). *Hispanisms and homosexualities.* Durham: Duke University Press, 1998; CHÁVEZ-SILVERMAN, S.; HERNÁNDEZ, L. (Org.). *Reading and writing the ambiente: queer sexualities in Latino, Latin American and Spanish culture.* Madison: University of Wisconsin Press, 2000.

⁵ JORDAN, M. D. *The invention of sodomy in christian theology.* Chicago: University of Chicago Press, 1992; BROOTEN, B. J. *Love between women: early christian responses to female homoeroticism.* Chicago: University of Chicago Press, 1996; JORDAN, M. D. *The silence of sodom: homosexuality in modern catholicism.* Chicago: University of Chicago Press, 2000.

⁶ BOSWELL, J. *Christianity, social tolerance and homosexuality.* Chicago: University of Chicago Press, 1980.

impôs a proibição à sodomia para as culturas indígenas, ao mesmo tempo que controlava o comportamento sexual dos colonizadores hispânicos e portugueses.⁷ Ainda é necessário um levantamento completo do número de pessoas na América Latina hispânica que morreram pelas chamas. Luiz Mott, afirmou que durante aproximadamente 300 anos de atividade, a Inquisição Portuguesa – com jurisdição em todo o Império português, incluindo Brasil, África e Ásia – registrou 4.419 denúncias no *Index de Abominações* contra homens suspeitos de haver praticado o *abominável e pervertido pecado da sodomia*.⁸ Entre os denunciados, 447 foram presos e submeteram-se a um julgamento formal – 62% no século XVII, o período de maior intolerância homossexual na península Ibérica. Trinta dos sodomitas considerados *mais pervertidos e incorrigíveis* foram queimados na fogueira.⁹

Nos anos que se seguiram à independência latino-americana da Espanha e de Portugal, vários novos Estados reescreveram seus códigos criminais, eliminando a sodomia da lista das proibições legais. Essa nova legislação foi influenciada

⁷ Continua a ser um debate acadêmico a extensão e os significados das práticas sexuais entre pessoas do mesmo sexo e entre as diferentes culturas indígenas das Américas. Para duas visões diferentes, ver TREXLER, R. *Sex and conquest: gendered violence, political order and the european conquest of the Americas*. Ithaca: Cornell University Press, 1995 e ROSCOE, W. *Changing ones: third and fourth genders in native North America*. New York: St. Martins Press, 1998. Para uma coleção de artigos sobre América Latina colonial, ver SIGAL, P. (Org.). *Infamous desire: male homosexuality in colonial Latin America*. Chicago: University of Chicago Press, 2003.

⁸ MOTT, L. R. B. The portuguese inquisition. In HAGGERTY, G. E. (Org.). *Encyclopedia of homosexuality*, 2. ed. New York: Garland Press, 2002, v. 2: Gay histories and cultures. Para Portugal, ver também MOTT, L. R. B. *Pagode português: a subcultura gay em Portugal nos tempos inquisitoriais*. *Revista Ciência e Cultura*, Lisboa, v. 40, n. 20, p. 120-139, 1988.

⁹ Sobre o tratamento da Inquisição Portuguesa dado às mulheres brasileiras envolvidas com o erotismo com outras mulheres, ver BELINI, L. *A coisa obscura: mulher, sodomia e inquisição no Brasil colonial*. São Paulo: Brasiliense, 1987. Sobre as visões colonial-européias do desejo e da sexualidade entre pessoas do mesmo sexo, ver BLEYS, R. C. *The geography of perversion: male-to-male sexual behavior outside the West and the ethnographic imagination, 1750-1918*. New York: New York University Press, 1995.

pelas idéias de Jeremy Bentham — o Código Penal Francês de 1791, o Código Napoleônico de 1810 e o Código Napolitano de 1819 descriminalizaram as relações sexuais consentidas entre adultos.¹⁰ Embora em muitos países da América Latina a sodomia não fosse mais considerada crime, estigmas sociais profundamente enraizados ainda permanecem. Além disso, a regulação estatal da sexualidade transgressora continuou intocada, embora com outra aparência. Leis de vadiagem, códigos de decência pública e proibições legais contra o travestismo ofereciam à polícia e aos tribunais um amplo campo de ação para regular os comportamentos públicos não normativos. A extorsão de homens ou mulheres encontrados em situações comprometedoras encheu os bolsos de policiais mal remunerados e de outros funcionários públicos. Em geral, dinheiro, poder e influência social protegeram membros das classes altas de escândalos e da indesejável prisão.

Nas primeiras três décadas do século XX, na Argentina, Brasil e outros países da América Latina, eugenistas, físicos, psiquiatras e juristas engajados em campanhas para “medicalizar” o que se tornou cada vez mais conhecido como homossexualidade, alegaram que esse assunto não era uma questão meramente moral, religiosa ou policial, mas algo que também requeria a ação de profissionais cujo objetivo era atentar para os riscos dessa “doença” social e pessoal. As mulheres que desejavam mulheres receberam menos atenção por parte destas observações médico-legais, mas elas se chocaram com inúmeras restrições sociais, submetidas a um controle mais próximo pelos seus pais, maridos e outros parentes do sexo masculino. Diante dessas novas abordagens de repressão social dos comportamentos sexuais não normativos, os homens que tiveram maior acesso ao espaço público e a parceiros sexuais, criaram um complexo e semi-clandestino mundo de desejos nos maiores centros urbanos da América Latina.¹¹ Um componente importante desse semi-

¹⁰ DANIEL, M. *Historie de la législation pénale française concernant l'homosexualité*. Acadie, Paris, n. 96, p. 618-627 e n. 97, p. 10-29, s.d.

¹¹ SALESSI, J. *Médicos, maleantes y maricas: higiene, criminología y homosexualidad en la construcción argentina (Buenos Aires 1871-1914)*. Rosario: Beatriz Viterbo, 1995; GREEN, J. N. *Além do carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX*. São Paulo: Ed. da UNESP, 2000.

invisível universo paralelo foi a criação de múltiplas condições de ambigüidade na apresentação pública, que protegeram muitos do ostracismo social. Entretanto, aqueles homens que assumiram um jeito afeminado ou aquelas mulheres que adotaram atitudes ou comportamentos tidos como masculinos, tornaram-se os símbolos dessa perversa transgressão sexual. A divisão dos papéis de gênero, que tanto perturbou o ordenamento “normal” da sociedade, causou uma angustiante generalização dos comportamentos sexuais de homens e mulheres identificados com o erotismo entre o mesmo sexo. Além disso, a pressuposta passividade dos homens afeminados na atividade sexual e a associação das mulheres masculinas com o “anormal” comportamento agressivo, forjaram estereótipos unilaterais da homossexualidade como patológico e profundamente subversivo às normas hegemônicas associadas aos papéis de gênero tradicionais.

HOMOSSEXUALIDADE E POLÍTICA

A expansão dos espaços públicos voltados para homens que procuravam relações sexuais e afetivas com outros homens ocorreu nos maiores centros urbanos da América Latina principalmente após a Segunda Guerra Mundial.¹² A repressão social às mulheres, no entanto, continuou a limitar suas opções, confinando-as a discretos círculos de amigos.¹³ Entretanto, esse tipo de sociabilidade oferecia significados importantes para a sobrevivência cotidiana de indivíduos e círculos de pessoas

¹² GREEN, J. N. Mais amor e mais tesão: a construção de um movimento brasileiro de gays, lésbicas e travestis. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 15, p. 271-295, 2000; MEJÍA, M. Mexican pink. In: DRUCKER, P. (Org.). *Different rainbows: same-sex sexuality and popular struggle in the third world*. London: Gay Men's Press, 2000. p. 43-56; SEBRELLI, J. J. Historia secreta de los homosexuales en Buenos Aires. In: _____. *Escritos sobre escritos, ciudades bajo ciudades, 1950-1997*. Buenos Aires: Sudamericana, 1997. p. 275-370.

¹³ SARDÁ, A. My God, how we loved each other: love relations among argentine women in the 50s and 60s. In: CONFERENCE FUTURE OF THE QUEER PAST, 2000, Chicago, University of Chicago.

submetidas à desaprovação de seus familiares e condenações religiosas, além de uma sociedade e de um Estado geralmente hostis. Neste contexto, entre as décadas de 1950 e 1960, as formas de organização política de resistência, com vistas à modificação do preconceito social à homossexualidade, não se articularam facilmente.

Nos Estados Unidos e na Europa, entretanto, os grupos políticos organizaram-se após a Segunda Guerra Mundial. O historiador John D'Emilio documentou a emergência de organizações políticas de gays e lésbicas nos Estados Unidos, no início da década de 1950.¹⁴ A Mattachine Society, fundada em 1950, formada por membros do Partido Comunista, considerou o *status* socialmente marginal a que estavam relegados os homossexuais, como equivalente à discriminação a que estavam sujeitas as minorias raciais. Logo após, em 1955, um grupo de lésbicas formava o Daughters of Bilitis, para denunciar o isolamento sentido por muitas mulheres que não se associavam a papéis sociais positivos dentro da hostil e homofóbica atmosfera da era McCarthy, no início dos anos de 1950. Esses grupos, relativamente pequenos e isolados, ofereceram as bases para a organização de outros esforços contra a discriminação e homofobia numa época em que os direitos civis e as atividades anti-guerra inspiraram uma segunda onda de feminismo e novas organizações pelos direitos dos gays e lésbicas no final da década de 1960. A rebelião de Stonewall contra a polícia, ocorrida em um bar do Greenwich Village — um evento que é hoje comemorado com a Passeata Anual do Orgulho Gay em diversos países do mundo — simboliza o advento de um novo movimento social.

Vários meses depois da batalha dos gays e lésbicas contra a polícia nas ruas de Nova Iorque, dez homossexuais reuniram-se em um cortiço, em um bairro operário de Buenos Aires, para

¹⁴ D'EMILIO, J. *Sexual politics, sexual communities: the making of a homosexual minority in the United States, 1940-1970*. 2. ed. Chicago: University of Chicago Press, 1998. Sobre as histórias dos movimentos na Europa, ver ADAM, B.; DUYVENDAK, J. W.; KROUWEL, A. K. (Org.). *The global emergence of gay and lesbian politics: national imprints of a worldwide movement*. Philadelphia: Temple University Press, 1999.

fundar a primeira organização política gay da Argentina, El Grupo Nuestro Mundo. O grupo foi formado por um membro do Partido Comunista Argentino, do qual havia sido expulso por ser homossexual. Outros membros do Nuestro Mundo eram ativistas de sindicatos que representavam os trabalhadores de classe média baixa. A principal atividade do grupo consistia em bombardear a imprensa com boletins mimeografados promovendo a liberação gay.¹⁵ Infelizmente, possuímos poucas informações sobre o Nuestro Mundo e dos primeiros dois anos de sua organização política na Argentina. Parece, de qualquer forma, que a gênese do grupo não estava diretamente ligada aos eventos ocorridos na cidade de Nova Iorque nesse mesmo ano e não há qualquer indicação de que os ativistas argentinos tivessem informações mais exatas a respeito do surgimento do movimento de liberação gay nos Estados Unidos quando o grupo foi fundado, em novembro de 1969.

É significativo que um ex-militante do Partido Comunista Argentino tenha dirigido o Nuestro Mundo. Não há dúvida de que isto estava relacionado com o fato de que os esquerdistas argentinos possuíam amplas experiências políticas em operações clandestinas ou semi-clandestinas em um país que vivia entre curtos períodos de regimes democráticos e governos militares. A tradição, pois, das organizações clandestinas, entre os comunistas e peronistas, forneceram um conveniente modelo para os homossexuais ativistas, interessados em se organizarem contra a discriminação e a opressão. Ainda não sabemos a história completa sobre a fundação dos primeiros grupos politizadas de homossexuais na América Latina, mas parece que a maioria dos grupos que surgiram no início dos anos de 1970 e 1980, tiveram

¹⁵ PERLONGER, N. Historia del Frente de Liberación Homosexual de la Argentina. In ACEVEDO, Z. (Org.). *Homosexualidad: hacia la destrucción de los mitos*. Buenos Aires: Del Ser, 1985, p. 272-78. Néstor PERLONGHER, que se juntou ao movimento depois da formação da Frente de Liberação Homossexual da Argentina (FLH) em 1971, escreveu uma breve história do movimento argentino, de seis páginas, mimeografadas, onde esboçou os eventos do movimento entre 1969 e 1976, quando entrou em colapso, às vésperas da tomada do governo pelo movimento militar. Seu trabalho é a mais completa narrativa da história do movimento argentino em seu primeiro momento.

entre seus fundadores e líderes, membros de partidos comunistas ou de seus grupos dissidentes, ou ainda, provenientes de outras formações esquerdistas.¹⁶

O conceito marxista-leninista de encorajar ações políticas vanguardistas em nome da consciência política ainda embrionária da classe trabalhadora, foi facilmente traduzido pela noção de constituir uma organização que serviria para alavancar a consciência dos membros do segmento¹⁷ gay de Buenos Aires. O verdadeiro nome da nova organização, Nuestro Mundo, sugere a especificidade e peculiaridade da experiência dos homossexuais, bem como suas possibilidades transnacionais, separados em seu próprio *demi-monde* ainda capaz de afirmar uma identidade, e caminhando rumo à conscientização política e à luta por mudanças sociais.¹⁸

¹⁶ Como foi mencionado anteriormente, a Mattachine Society, nos Estados Unidos, também foi fundada por membros e simpatizantes do Partido Comunista Americano. Entretanto, diferentemente dos esforços para a formação de organizações gays na Argentina e em outros países da América Latina, no início da década de 1970, o recorte ideológico dos primeiros momentos da Mattachine Society foi mais acentuadamente formado pela emergência do movimento de direitos civis nos Estados Unidos, bem como pelas análises feitas pelo Partido Comunista Americano do papel das minorias oprimidas organizadas para eliminar a discriminação e o preconceito. Ambos se direcionavam para um movimento social baseado em um discurso democrático que buscava direitos iguais perante a lei. Na Argentina e no resto da América Latina, onde a esquerda não tinha tradição de intensas mobilizações por direitos civis individuais – vistos como burgueses e não como reivindicações da classe trabalhadora – tais tópicos voltaram-se para uma ênfase nos esforços anti-imperialistas da classe trabalhadora.

¹⁷ Utilizamos a palavra “segmento” neste texto em lugar do termo “subculture” no original, já que o sentido proposto por este último remete, no caso brasileiro, à idéia de uma “cultura inferior”, do ponto de vista do *status quo*. O sentido americano refere-se a grupos com expressões culturais específicas na sociedade. (N. do Trad.)

¹⁸ A vida gay em Buenos Aires também operava nesse espaço liminar entre a legalidade e a marginalidade. Um perceptível segmento se desenvolveu na capital do país, no final da década de 1950, em casas noturnas, restaurantes, banheiros públicos, cinemas, parques e cafés que ofereciam oportunidades de encontro para socialização homossexual e encontros sexuais. O novo movimento político que pretendia mudar as hegemônicas e normativas noções de sexualidade, foi forçado, principalmente pela

No início da década de 1970, grupos semelhantes de gays e lésbicas apareceram no México e em Porto Rico, num contexto de ascensão política mundial.¹⁹ As revoltas estudantis de 1968 propeliaram uma nova geração nos protestos sociais, e a expansão da contracultura para além dos limites dos Estados Unidos e da Europa Ocidental afetaram a nascente classe média na América Latina. Novos estilos e comportamentos mais informais questionavam certos aspectos dos rígidos papéis de gênero (especialmente no que se referia aos cabelos, roupas e outras formas de apresentação pessoal) ao passo que promoviam as liberdades individuais e a auto-expressão. Um emergente movimento feminista internacional tecia críticas sistemáticas ao patriarcalismo e à hierarquia de gênero, ao mesmo tempo que se criavam novos fóruns de mulheres que visavam a desenvolver lideranças políticas competentes.

As culturas homossexuais urbanas da Cidade do México, de San Juan e de Buenos Aires revelaram-se solos férteis para desenvolvimento dos movimentos dos gays e lésbicas dentro dessa avalanche de revoltas políticas do final da década de 1960 e início de 1970. Assim, não surpreenderia que um desses grupos que se formaram no México em 1978, a Frente Homossexual de Acción Revolucionaria, adotasse a linguagem e o simbolismo da esquerda. Da mesma forma, na Argentina, ativistas formaram, em 1971, a Frente de Liberación Homossexual de la Argentina (FLH) com a coalizão de quatro grupos diferentes. Ao mesmo tempo, muitos destes membros deslocaram-se para a ala esquerda do movimento peronista, num esforço anti-imperialista pela

esquerda, a iniciar suas atividades sob o véu da proteção, segredo e discrição. Embora o conceito de uma identificação e solidariedade com os não homossexuais não estivesse imbuído no nome do grupo, sua preocupação, entretanto, com a classe trabalhadora e os sindicatos, continuou por alguns dos anos seguintes, quando o *Nuestro Mundo* juntou-se a outros grupos para formar a Frente de Liberación Homossexual de la Argentina.

¹⁹ MEJÍA, 2000. In: DRUCKER, P. (Org.). *Different rainbows: same-sex sexuality and popular struggle in the third world*. London: Gay Men's Press, 2000. p. 43-56; NEGRÓN-MUNANER, F. Echoing. Stonewall and other dilemmas: the organizational beginnings of a gay and lesbian agenda in Puerto Rico, 1972-1977. *Centro de Estudios Puertorriqueños Bulletin*, San José, Puerto Rico, v. 4, n. 1, p.76-95, 1992; v. 4, n. 2, p. 98-115, 1992. (Parte I e II.)

libertação nacional e justiça social. Eles estavam em um período de intensa politização, quando mobilizações populares de base derrubaram o governo militar e abriram caminho para a volta de Perón à presidência, depois de um exílio de dezoito anos. O fato de que estes ativistas tenham escolhido o nome de sua nova coalizão de Frente de Liberação Homossexual da Argentina (FLH) evidenciava como muitos deles estavam influenciados pelo debate da política nacional. A ala peronista, as organizações de guerrilha pró-Castro e o Partido Comunista Argentino elaboravam seus discursos políticos dentro do contexto de luta da libertação do país da dominação imperialista. Em Nova Iorque, a Frente de Liberação Gay tomou emprestado o seu nome da Frente de Liberação Nacional Vietnamita como reflexo de uma identificação com uma luta política internacional de um outro povo, numa outra sociedade. A linguagem da libertação nacional na Argentina estava relacionada com as aspirações políticas imediatas de seu próprio país e de seu próprio povo, mas também dentro de um contexto internacional anti-imperialista.

A analogia entre libertação da opressão estrangeira e libertação da opressão sexual estabelecia uma espécie de associação entre o corpo nacional e o corpo físico. O primeiro de dez pontos de concordância da Frente de Liberação Homossexual da Argentina, escrito em maio de 1972, declara que: *Os homossexuais são socialmente, culturalmente, moralmente e legalmente oprimidos. Eles são ridicularizados e marginalizados, sofrendo asperamente o absurdo da brutalidade imposta pela sociedade heterossexual monogâmica.* O manifesto continua: *A luta contra a opressão que nós sofremos é inseparável da luta contra todas as outras formas de opressão social, política, cultural e econômica.* A concorrência política para a totalidade política enfatizava ainda: *O FLH não está, nem estará, distanciado das lutas nacionais e sociais. Mas age em solidariedade com elas, mantendo essa independência orgânica, e os objetivos específicos.*²⁰ A retórica que alia o pessoal e sexual ao social e político está articulada com o contexto de hierarquias baseadas no gênero, em que o homem é equiparado ao chefe:

²⁰ *Somos*, Buenos Aires, n. 3, p. 3, maio 1974.

Essa opressão vem de um sistema social que considera a reprodução como o único objetivo do sexo. Essa expressão concreta é a existência de um sistema compulsório de interações humanas em que o homem desempenha o papel de chefe autoritário e as mulheres e os homossexuais são considerados inferiores e reprimidos.

Aos olhos de muitos membros da FLH, a libertação sexual e a libertação nacional eram partes da mesma luta e o conceito peronista de “justicialismo” era maleável o bastante, na concepção destes ativistas, para incluir as lutas dos homossexuais. Desta forma, o *slogan* peronista, Para Que O Amor E A Igualdade Prevaleçam Entre As Pessoas, revestido de novo significado, estabelecia uma ponte simbólica entre, de um lado, o movimento dos trabalhadores e a aspirada tomada do poder por Perón e, de outro, o movimento que clamava pelo *direito de usar seus próprios corpos [...] negado num sistema de relações baseado na dominação na qual a pessoa [homem] é apenas outra mercadoria*. Mudanças posteriores na corrente política argentina desencorajaram a ligação com a ala esquerda do peronismo, e os grupos que compunham a FLH desviaram-se para outros caminhos, de forma a promover maiores liberdades para gays e lésbicas na sociedade argentina.²¹

Com a morte de Perón em julho de 1974, a ala direita do movimento peronista consolidou seu poder através da manipulação do governo de Isabel Perón.²² O aprofundamento da crise política, econômica e social que abalou o país teve um

²¹ Para uma análise mais completa das relações do FLH com a esquerda argentina, ver GREEN, J. N. Para que reine en el pueblo amor y la igualdad: the Argentine left and the Frente de Liberación Homossexual. In: CONFERENCE FUTURE OF THE QUEER PAST, 2000, University of Chicago.

²² O recrudescimento da radicalização dos trabalhadores e da juventude argentinas e o enorme crescimento do movimento de guerrilha conduziram a uma campanha de repressão, encabeçada por esquadrões paramilitares de direita, como a Aliança Argentina Anti-Comunista (AAA). Em 12 de fevereiro de 1975, *El Caudillo*, um semanário pró-fascista, sustentado pela AAA, fundado por Carlos Lopes Rega, Ministro do Bem-Estar Social e principal conselheiro da Presidente Isabelita Perón, publicou um artigo intitulado *Acabar con los Homosexuales*. O texto clamava por

forte impacto na FLH. Em meados de 1973, o grupo foi reduzido a 30 militantes e dissolveu-se em junho de 1976, em consequência do golpe de Estado ocorrido em março. O novo governo promoveu uma onda de repressão que resultou em milhares de mortes, incluindo muitos homossexuais.²³

Durante os anos tumultuados de constituição dos movimentos por direitos de gays e lésbicas em Porto Rico, México e Argentina, três dos mais urbanizados e industrializados países da América Latina, pequenos grupos debateram idéias egressas de um emergente movimento internacional e lutaram com vistas à criação de expressões endógenas autênticas de ação política e social. O Brasil estava notadamente ausente desse processo ainda que possuísse um vivo segmento homossexual masculino — bastante proeminente durante o carnaval — e com uma, embrionária, sociabilidade lésbica. Enquanto movimentos incipientes esforçavam-se para sobreviver em Buenos Aires, Cidade do México e San Juan, os gays e lésbicas brasileiros estavam vivendo sob os mais repressivos anos da ditadura militar. Em dezembro de 1968, os militares fecharam o Congresso, suspenderam as garantias constitucionais, instituíram a censura

linchamento de homossexuais e mencionava especificamente a FLH. Em resposta, a FLH lançou publicamente um artigo intitulado *O Fascismo nos Ameaça*, distribuído na Argentina e publicado na imprensa gay do mundo todo. *Frente de la Liberación Homosexual: el fascismo nos amenaza*. Buenos Aires, 1975. (Panfleto.) Em agosto de 1975, a FLH manifestou apreciação pela campanha internacional de solidariedade após a publicação do artigo no *El Caudillo*. O boletim também afirmava: *Por razões da clandestinidade na qual operamos, cartas devem ser enviadas para a FLH aos cuidados da National Gay Task Force em New York. Somos*, Buenos Aires, n. 6, ago. 1975, p. 37.

²³ A FLH era uma organização formada majoritariamente por pessoas da classe trabalhadora e classe média baixa. A inflação galopante dos meses finais do governo de Isabelita Perón enfraqueceu o movimento, fazendo com que seus membros vissem na sobrevivência econômica a principal prioridade. Quando a FLH voltou-se para conseguir apoio entre os gays em Buenos Aires depois do ataque da direita, eles se descobriram isolados da maioria das pessoas que freqüentavam os espaços gays da cidade. O grupo voltou a se aproximar dos grupos de estudo, enquanto continuava a fazer contato com o movimento gay internacional, particularmente com organizações na Itália, Espanha, França, Grã-Bretanha, Austrália e Estados Unidos.

sobre a imprensa e executaram a prisão e tortura de quem se opusesse ao regime militar. Embora os homens e mulheres homossexuais não fossem alvos diretos da ditadura, o crescente número de policiais militares nas ruas, o uso arbitrário da lei e a generalizada vigilância nas expressões artísticas e literárias criaram um clima que desencorajava a possibilidade de emergência de um movimento por direitos dos gays e lésbicas no início dos anos de 1970.²⁴ Em meados da década, no entanto, a combinação de dificuldades econômicas e uma oposição ao governo forjada por estudantes e um ressurgente movimento dos trabalhadores mudou o balanço de poder no país. Frente à possibilidade de uma explosão social, os generais militares orquestraram uma liberalização política controlada mas que se dimensionava com as sucessivas ondas de greves em São Paulo. Neste efervescente período de abertura política gradual, entre 1977 e 1981, novos movimentos sociais emergiram, notadamente o Movimento Negro Unificado, que questionava a imagem tradicional do Brasil como uma democracia racial; o movimento feminista, que confrontava o sexismo da esquerda ortodoxa e da sociedade brasileira em geral e os movimentos por direitos dos gays e lésbicas.

Nos anos de 1980 e 1990, a volta ao regime democrático na maioria dos países da América Latina, que haviam sido controlados por ditaduras militares, abria novas possibilidades para a organização política. Assim como o movimento brasileiro florescia sob estas condições de liberdade, surgiram também novos grupos na maioria dos países do continente. Em alguns casos, o ativismo que se formou em torno da AIDS, ligado a educação, prevenção e assistência, auxiliou na formação de grupos gays, por vezes com significativo apoio de lésbicas, que também se articulavam em torno da discriminação e da violência contra homossexuais e da homofobia. O movimento feminista internacional e os encontros latino-americanos de lésbicas e feministas encorajavam as mulheres de vários países a criarem

²⁴ GREEN, J. N. Desire and militancy: lesbians, gays, and the brazilian Workers' Party. In: DRUCKER, P. (Org.). *Different rainbows: same-sex sexuality and popular struggle in the third world*. London: Gay Men's Press, 2000. p. 57-70.

grupos nacionais.²⁵ Entre os desafios destas novas organizações, houve mudanças de atitudes sociais sobre a homossexualidade na medida em que construíam alianças e diversas ações estratégicas políticas para conseguir transformações na legislação e nas políticas governamentais. Mais uma vez, assuntos relacionados ao ensaio de atuação, conforme a esquerda latino-americana, foram postos em evidência.

A ESQUERDA MARXISTA E A (HOMO)SEXUALIDADE

Antes da ascensão do nazismo, o partido da social-democracia alemã apoiava a campanha do dr. Magnus Hirschfeld, para abolir o Artigo 175 da Constituição Alemã, que criminalizava a homossexualidade masculina. Assim também, o Movimento Internacional Comunista, que emergiu depois da Revolução Russa de 1917: quando os bolcheviques tomaram o poder, em outubro de 1917, aboliram todas as leis czaristas, e o primeiro Código Penal soviético, decretado em 1922, não penalizava sexo entre homens adultos, desde que consentido. No entanto, homens, e às vezes mulheres, foram acusados sob alegação de atividade homossexual. Entre as conseqüências da ascensão de Stálin ao poder no final de 1924, estava o Estatuto de 1934 que criminalizava os envolvimento sexuais consentidos entre homens adultos, com a punição de três a quatro anos de encarceramento. As mulheres não foram mencionadas no novo Estatuto. A homossexualidade passou a ser associada com a classe alta e à “decadência burguesa”, e essa ideologia permeava o movimento comunista internacional.²⁶ Mais tarde, em 1981, o Partido Comunista Brasileiro, pró-soviético, para dar apenas um exemplo, continuou mantendo essa posição nos seus

²⁵ MOGROVEJO, N. Lesbian visibility in Latin America: reclaiming our history. In: DRUCKER, P. (Org.). *Different rainbows: same-sex sexuality and popular struggle in the third world*. London: Gay Men's Press, 2000, p. 71-90.

²⁶ ENGELSTEIN, L. Soviet policy toward homosexuality: its origins and historical roots. *Journal of Homosexuality*, Nova York, v. 29, n. 2, 1995, p. 155-78.

pronunciamentos oficiais.²⁷ Da mesma forma, grupos pró-chinês e pró-maoísmo albanês, que tinham influência na Colômbia, Peru e Brasil, dentre outros países latino-americanos, de 1960 até 1980, continuaram sendo mais stalinistas ortodoxos que seus opositores nos partidos comunistas pró-soviéticos, defendendo noções que igualavam a decadência capitalista à homossexualidade.

Como foi amplamente documentado, nos primeiros anos da Revolução Cubana, o Partido Comunista Cubano não estava muito longe da política soviética a respeito de homossexualidade.²⁸ Combinando o moralismo católico tradicional com as correntes noções que ligavam o homoerotismo ao desvio social bem como ao turismo sexual, os líderes cubanos associavam o comportamento não normativo dos homens cubanos a fraqueza moral e falta de fervor revolucionário. A Revolução Cubana tivera um profundo impacto na geração estudantil dos anos de 1960 na América Latina, que seguia os exemplos do Movimento de 26 de Julho e, mais tarde, das atividades de guerrilha de Che Guevara, na Bolívia, ingressando na luta armada contra os regimes militares ou autoritários, instaurados na maior parte do continente entre os anos de 1960 e 1970. Ainda, velhos preconceitos contra a homossexualidade, combinados com a construída moralidade revolucionária, que condenava as atividades sexuais entre os militantes do mesmo sexo, silenciaram ativistas no interior das frações das organizações de esquerda que expressassem qualquer desejo erótico direcionado a outros membros do mesmo sexo.

Herbert Daniel, um líder revolucionário brasileiro da Vanguarda Popular Revolucionária, organização ligada à guerrilha no final de 1960 e início de 1970, relatou mais tarde o repressivo clima interno de sua organização que tornava impossível a revelação de seus desejos sexuais.²⁹ Os partidos

²⁷ Ver entrevista com representante do Partido Comunista Brasileiro em: OKITA, H. *Homossexuais: da opressão à libertação*. São Paulo: Proposta, 1981. p. 63-73.

²⁸ Ver YOUNG, A. *Gays under the Cuban Revolution*. San Francisco: Grey Fox, 1981; LEINER, M. *Sexual politics in Cuba: machismo, homosexuality and AIDS*. Boulder: Westview, 1992; LUMSDEN, I. *Machos, maricones, and gays: Cuba and homosexuality*. Philadelphia: Temple University Press, 1996.

comunistas pró-soviéticos ou pró-chineses, com sua ênfase na construção de uma base na classe operária ou campesina, e a nova onda de organizações revolucionárias inspiradas pela Revolução Cubana, compartilhavam o ponto de vista comum de que a homossexualidade não poderia existir dentro da “verdadeira” classe trabalhadora e entre revolucionários da classe média. Muitos refugiados políticos dos repressivos regimes latino-americanos levaram estes valores consigo para o exílio. Em 1975, o Movimento da Esquerda Revolucionária Chileno (MIR) organizou uma reunião na baía de San Francisco, na Califórnia, para decidir se um ativista gay norte-americano, que outrora havia se destacado como importante personagem no movimento norte-americano de solidariedade internacional ao Chile, deveria ser ou não convidado a integrar a organização. O líder político das atividades de solidariedade do MIR, nos Estados Unidos, foi objetivo: *En el MIR, no hay maricones*.³⁰ Apesar disso, o MIR não deveria ser apontado, conforme se viu, como a única organização revolucionária da América Latina que partilhou preconceitos contra gays e lésbicas esquerdistas. As atitudes deste líder não eram muito diferentes daquelas dos membros de outras organizações da época, e permaneceram hegemônicas em quase toda a esquerda marxista na América Latina até anos recentes.

Até a década de 1990, indivíduos ou correntes dentro de organizações libertárias ou social-democratas de um lado e algumas formações trotskistas de outro foram exceções em relação à profunda homofobia da esquerda latino-americana. No início de 1978, gays e lésbicas dentro do Partido Revolucionario de los Trabajadores Mexicanos e a brasileira Convergência Socialista (atualmente o Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado —

²⁹ DANIEL, H. *Passagem para o próximo sonho*. Rio de Janeiro: Codecri, 1982.

³⁰ Esse incidente ocorrido em San Francisco (EUA) envolveu um ativista gay, líder nacional do Movimento em Solidariedade ao Chile, grupo de apoio relacionado ao golpe militar que derrubou o governo Allende, em 11 de setembro de 1973, e que havia organizado junto com a Resistência Chilena, o Solidariedade Gay, evento político e cultural, em San Francisco, no segundo ano da ditadura militar, reunindo mais de 350 membros da comunidade gay e lésbica da cidade e que angariou \$US 1,000.00 para o Movimento de Solidariedade ao Chile, um valor considerável para a época.

PSTU) organizaram frações internas e participaram do emergente movimento de gays e lésbicas nestes dois países, incluindo, no caso do Brasil, o início de uma política dentro do Partido dos Trabalhadores (PT) no momento de sua formação, em 1980-1981. Os trotskistas europeus, bem como o Partido Socialista dos Trabalhadores, nos Estados Unidos, tinham começado a promover o movimento de gays e lésbicas, em rápida expansão no início da década de 1970, oferecendo um modelo, algumas diretrizes teóricas, e legitimidade para os trotskistas interessados em iniciar trabalhos similares na América Latina. Enquanto estas atividades não eram entusiasticamente assumidas pelas lideranças de suas respectivas organizações, os militantes gays e as militantes lésbicas dentro do Partido Revolucionario de los Trabajadores e da Convergência Socialista desempenhavam um papel importante na constituição de laços entre setores progressistas do emergente movimento de gays e lésbicas e setores da esquerda latino-americana, criando, assim, as bases para a consolidação da coalisões e alianças táticas na década de 1990. A formação de um grupo de gays e lésbicas dentro do Partido dos Trabalhadores, em 1992, e o papel de liderança de alguns políticos do PT no Congresso, sobre a introdução de legislações relativas a parcerias domésticas e anti-discriminação, deve muito a estes esforços pioneiros da década de 1970. Da mesma forma, ativistas gays e ativistas lésbicas dos Estados Unidos e da Europa, que viajaram para a Nicarágua na década de 1980 para apoiar as iniciativas revolucionárias dos sandinistas, encorajaram a formação do movimento homossexual nicaraguense.³¹ O processo revolucionário na América Central, por vezes, desempenhou um papel crucial na formação de uma geração de ativistas gays e, especialmente, ativistas lésbicas.³²

³¹ BABB, F. *After revolution: mapping gender and cultural politics in neoliberal Nicaragua*. Austin: University of Texas Press, 2001, p. 229-239; RANDALL, 2000. In: DRUCKER, P. (Org.). *Different rainbows: same-sex sexuality and popular struggle in the third world*. London: Gay Men's Press, 2000. p. 91-109; MOGROVEJO, 2000. In: DRUCKER, P. (Org.). *Different rainbows: same-sex sexuality and popular struggle in the third world*. London: Gay Men's Press, 2000. p. 82-84.

³² THAYER, M. Identity, revolution, and democracy: lesbian movements in Central America. *Social Problems*, Buffalo, New York, v. 44, n. 3, p. 386-407, ago. 1997.

NOVOS MOVIMENTOS SOCIAIS, IDENTIDADE
E CLASSE

Por que a esquerda latino-americana levou tanto tempo para entender e integrar os principais direitos dos movimentos dos gays e lésbicas dentro de seus programas políticos e atividades concretas? Por trás das explicações religiosas, culturais e desgastadas explicações stalinistas, há uma justificativa teórica para a relutância em encampar os assuntos levantados por esses ativistas. Essencialmente, argumentaram, de fato, que a esquerda marxista deveria promover alianças classistas enraizadas na classe operária. Uma vez que os movimentos de gays, lésbicas, bissexuais e transgêneros têm uma composição multiclassista, alguns marxistas afirmavam que o movimento poderia, por vezes, defender propostas distanciadas dos “interesses” da classe trabalhadora e suas organizações. Considerações parecidas foram articuladas também em relação aos “novos movimentos sociais” de ecologistas, mulheres e outros que surgiram no período de transição do regime ditatorial para o democrático, em muitos países da América Latina, entre 1980 e 1990. O subtexto desse argumento é uma continuada negação da existência da homossexualidade entre os setores populares e na classe trabalhadora, pelo menos como uma expressão natural e saudável de emoção, sexualidade ou desejo, bem como uma noção de que a homossexualidade é um desvio “burguês”. Um dos efeitos disso é a rejeição da importância política da homossexualidade e a circunscrição do desejo sexual à cama ou à esfera privada. Em última instância, esta é a incapacidade de muitos revolucionários marxistas em imaginar um mundo mais complexo que aquele em que tudo é reduzido ao determinismo econômico. Segundo esta visão limitada, a classe trabalhadora é incapaz de organizar formas múltiplas de desejo em seu meio e de ir além de estereótipos fixos, enraizados em noções prescritas de como gênero e sexualidade deveriam se manifestar.

A crítica da natureza multiclassista do movimento de gays e lésbicas pelos elementos da esquerda marxista é, no mínimo, surpreendente. Por décadas, os partidos comunistas da América Latina, e todos os seus ramos e dissidências, não tiveram problemas teóricos ou práticos na construção de alianças táticas e, por vezes, estratégicas com setores progressivos ou anti-imperialistas da burguesia nacional. Além disso, qualquer pessoa

acostumada com a realidade dos movimentos de gays e lésbicas, em qualquer país sabe que dificilmente um elemento da burguesia escolheria arriscar o conforto pessoal ou seu conformismo para engajar-se em política sexual.

Embora o movimento de Gays, Lésbicas, Bissexuais e Travestis (GLBT) na América Latina seja multiclassista na sua composição, a quase totalidade dos ativistas na maioria dos países são originários das classes pobres, trabalhadora e classe média baixa, embora muitas organizações sejam dirigidas por indivíduos oriundos da classe média. Mesmo que uma forma de consumismo tenha se inserido nas maiores Paradas do Orgulho Gay da Cidade do México e de São Paulo, isso dificilmente reflete a realidade cotidiana das atividades de muitos grupos. Da mesma forma, os ativistas de alas mais à esquerda do movimento homossexual assumiram o importante papel de afirmar que seus setores pobres e de classes trabalhadoras serão menos marginalizados, na medida em que a organização política do movimento teve expansão na última década.

Em junho de 2002, na primeira plenária nacional do Encontro de Gays e Lésbicas do Partido dos Trabalhadores, ocorrido na véspera da Parada do Orgulho GLBT em São Paulo, José Genuíno, naquele momento o líder da delegação do Partido dos Trabalhadores na Câmara dos Deputados, falou para centenas de ativistas que participavam do evento. Tendo defendido no Congresso a proposta de lei que garantia direitos legais para parcerias entre pessoas do mesmo sexo, bem como a extensão da proteção constitucional contra a discriminação baseada na orientação sexual, foi calorosamente recebido pela plenária. Contudo, em sua fala, Genuíno insistia que, diferente de outros movimentos, o movimento de gays e lésbicas não era um movimento popular. As mais de 200 mil pessoas que ocuparam a Avenida Paulista no dia seguinte, optaram por ignorar sua avaliação da realidade. Ainda, a inabilidade dos setores significativos da esquerda em entender o impacto político do esforço democrático por plenos direitos dos homossexuais, sugere que eles ainda estão presos ao pensamento do século XIX, quando o mundo caminha em direção ao século XXI. O Comandante Marcos, da Frente de Libertação Zapatista do México, tem ao menos feito gestos de inclusão em suas referências a gays, lésbicas e transgêneros, em algumas de suas declarações, mas os seus pronunciamentos, infelizmente, permanecem uma exceção à regra.

O DESAFIO DA ESQUERDA LATINO-AMERICANA

José Genoíno apareceu ao lado da prefeita petista de São Paulo, Marta Suplicy (que iniciou as ações legislativas em favor dos direitos de gays e lésbicas no Congresso brasileiro), no alto de um carro de som para a Parada do Orgulho GLBT de 2001, que atraiu 200 mil participantes. Sua falha em não perceber o significado político do crescimento do movimento de gays, lésbicas e transgêneros reflete uma evidente tensão no que se refere às implicações do encampamento total das exigências articuladas por esse movimento. Por fim, aceitar aqueles que se engajaram em atividades sexuais socialmente transgressivas é uma contestação das noções normativas do comportamento sexual. Isso significa abandonar completamente os enraizados ensinamentos conservadores, e requer assumir o desafio de ter insistente discordância com aqueles que abraçam as noções tradicionais de comportamentos normativos. Muitos esquerdistas da América Latina, que não nasceram na classe trabalhadora e que aspiram conduzir esta classe, possuem a tendência de querer se adaptar aos valores e visões tidos como da classe trabalhadora. Para estes oriundos de outros estratos sociais, que querem ser incluídos para desempenharem o papel de líderes políticos, é muito mais fácil assumir uma suposta autenticidade de classe, defendendo posições que não são acatadas por todos.

A equação, de qualquer forma, tem mudado na medida em que o movimento GLBT, por toda a América Latina, tem pautado sua própria agenda e perturbado as regras do jogo. As políticas adotadas de se assumir - insistindo que o pessoal é político - e contestar a heteronormatividade tem mobilizado grande contingente de ativistas em todo o continente. O ditado que afirma que a natureza de uma sociedade pode ser avaliada pelo tratamento que dá às mulheres, tem sido, agora, suplementado pela idéia de que uma sociedade democrática será julgada pela forma como aceita os gays, as lésbicas e os transgêneros. A sociedade socialista, à qual muitos latino-americanos ainda aspiram, está calcada na noção de que a concretização de plenos direitos para os pobres e para a classe trabalhadora está na eliminação da pobreza, da fome e da exploração. Uma sociedade que não defende os mais íntimos

direitos ao prazer é uma sociedade que pode facilmente tornar-se autoritária, burocrática e, por último, reacionária.

Em termos gerais, poder-se-ia asseverar que a esquerda na América Latina ainda não se recuperou do colapso da União Soviética, da derrota eleitoral sandinista na Nicarágua e do impacto da política neo-liberal nas economias nacionais. A última década foi um momento de repensar o passado e de assumir novos desafios para um futuro mais complexo. Agora não é mais dos ativistas gays, lésbicas e transgêneros a iniciativa de suas inclusões nos programas da esquerda. Cabe à esquerda como um todo tomar a iniciativa.

Tradução de Ronaldo Trindade

THE FIGHT FOR EQUALITY: DESIRE, HOMOSEXUALITY AND THE LEFT IN LATIN AMERICA

ABSTRACT

The Latin American left has been slow to understand and respond to the emergence of the lesbian and gay movement. The left is locked into ancient religious values and a conservative ideology that developed after 1917 Russian Revolution that characterized homosexuality as a product of decadent bourgeois behavior. Revolutionary processes in Latin America, such as Cuba and Nicaragua, and Marxist organizations, on a whole have marginalized gays and lesbians. In the last decade, activists have founded politicized gay and lesbian groups in every country on the continent. In some countries, such as Brazil, they have become large and important social movements. It is the challenge of the left to take up the program of the movement and seriously fight for full rights for gays, lesbians, and transgendered people.

KEYWORDS

Social movements, Left, Brazil; Homosexual movement; Homosexuality



Parada Gay, Rio de Janeiro, 1997.